



ALICE ESTRANHA

Era o prelúdio perfeito para o charmoso crepúsculo que a aguardava. Seu vestido provido de toda a sorte de brilhos era o encaixe perfeito para sua pele quase tão branca quanto o leite. Seus ondulados e ruivos cabelos, combinados com suas sardas, poderiam enlouquecer até o mais forte dos homens, tão simplesmente quanto seus olhos, que guardavam um pouco do oceano.

Cautelosamente, começou a adornar-se, vestindo no pescoço um colar que, há muito, pertencera à sua tataravó. Um tanto quanto clichê. Ao olhar-se no espelho, começou a tecer uma multidão de palavras e expressões para os convidados que haveria de receber. Então entrei em ação.

Cansado de bater as asas, peguei sua coroa de cristais e, assim que a coloquei sobre sua cabeça, pousei sobre um de seus ombros. Ouvi-a, pois, regozijar com todas as forças, o que pareceu muito com o momento em que meus ovinhos começaram a rachar.

Estava pronta. Esfuziante e pronta. Tomou em suas mãos sua cadeira de madeira, que ganhara de seu tio, quando completou dez anos, e, sentando-se em frente à janela, começou a admirar o céu, quase pronto para o escarlate. Fechou firmemente seus olhos, e uma lágrima rolou por entre a maçã de seu rosto até o canto da sua boca. De repente alguém bateu na porta: “Alice, querida, está pronta? O jardim já está lotado! Está na hora!”

Ao olhar para sua alma, pude ver o quão satisfeita estava. Sem muito esforço, levantou-se e dirigiu-se até a porta. Abriu-a e, sem sequer uma palavra, abraçou sua mãe e sussurrou algumas palavras. Eu já estava na janela, o que me impossibilita de contar o quê. Aproximei-me para continuar observando e comecei a ouvir a marcha nupcial. Fui literalmente voando até o coral de pássaros. Tudo o que podia ver era o reflexo forte do sol sobre o altar. E começou.

Triunfante, foi conduzida por seu irmão mais velho em direção ao noivo, tão radiante quanto o sol daquela tarde. Enquanto caminhava, com as batidas de seu coração chamando pelo amado, sua alma corria sedenta de amor, tal como a corsa suspira pelas águas.

Com um beijo honroso na testa, foi deixada pelo irmão, dando, finalmente, início à tão esperada cerimônia. Após perguntar ao noivo, que, sem hesitar, disse “sim”, o padre, inclinando-se para Alice, indagou: “Alice Tomio, você aceita Ernesto da Cunha como seu legítimo esposo, prometendo-lhe ser fiel, amá-lo e respeitá-lo por todos os dias de sua vida?” “Não.”

Marcos Guilherme Vieira
3º do Médio / Balneário
2010